

Patrícia Pimenta Azevedo Ribeiro

A Participação da Escola de Arquitetura na Construção do Pensamento Moderno em Belo Horizonte

Resumo

Este trabalho visa identificar a importância da criação da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte (EABH) dentro do cenário nacional, formando profissionais que atuaram em diversas cidades. Além da implantação da escola, a cidade de Belo Horizonte foi palco de manifestações culturais relevantes na década de 30. A escola, criada em 1930, é a primeira no ensino do Estado e a primeira desvinculada das Politécnicas e das Belas Artes no Brasil. Nas atividades dos estudantes da EABH destacamos a publicação da revista do Diretório Acadêmico – “*Arquitetura*” em 1935 e a participação na “*Exposição Bar Brasil*” em 1936, também denominada “*Semana de Arte Moderna Mineira*”.

A base para a análise da construção do pensamento arquitetônico moderno em Belo Horizonte está na avaliação conjunta destes três eventos citados acima.

Texto Principal

Este trabalho visa identificar a importância da criação da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte (EABH) dentro do cenário nacional, enquanto formadora de profissionais que atuaram em diversas cidades. A escola, criada em 1930, tendo o ingresso da primeira turma de alunos em 1931, é a primeira no ensino do Estado e a primeira desvinculada das Politécnicas e das Belas Artes no Brasil. Surge como proposta de um grupo desvinculado da Universidade de Minas Gerais, que já estava configurada desde 1927 e englobava as Faculdades de Direito, Engenharia, Medicina, Odontologia e Farmácia. A criação da Escola de Arquitetura em Belo Horizonte foi imbuída de um desejo que estava presente na população e nos intelectuais da cidade, valorizando o profissional arquiteto e a arquitetura como geradora de uma qualidade técnica e estética.

Belo Horizonte, foi projetada e construída por uma Comissão Construtora, formada por arquitetos e engenheiros, e seria como disse PONTUAL (1979), “(...) a primeira das cidades de proveta, nascidas em gabinete, no Brasil, o que a conferiria, por berço, um status especial de modernidade.” Nos anos 20 segundo WERNECK (1992) Belo Horizonte “(...) encarnava ao

mesmo tempo a modernidade e a tradição. O atraso e a vanguarda. Emaranhava-se em contradições e paradoxos.” Por várias vezes, foi vista como uma cidade moralista e conservadora, dependendo dos olhos de quem a visse, para DRUMMOND (1934), era um *“lugar de ler os clássicos e amar as artes novas”*. Foi também palco de manifestações culturais relevantes. O Modernismo literário desembarcou na rua da Bahia, a mais intelectual das ruas belorizontinas, onde os “rapazes desatinados” como Carlos Drummond, Pedro Nava, Capanema, Abgar Renault, algumas vezes, chamados de “futuristas” e “Grupo do Estrela”, frequentavam seus bares e confeitarias.

Em 1930, o ambiente cultural efervescente de Belo Horizonte, contava com a presença de artistas e intelectuais, principalmente de literatos. Havia então um interesse e reconhecimento em formar profissionais arquitetos que traduzissem essas tendências de vanguarda, assim como as conquistas tecnológicas, em forma de construções e ou organizações espaciais, uma vez que a arquitetura residencial da cidade estava envolta na execução repetitiva dos projetos baseados nos modelos e padronizações tipológicas defendida pela Comissão Construtora. Segundo FIGUEIREDO (1946):

“Parece, portanto, ter havido, nos vinte anos que se seguiram à transferência da Capital do Estado para a então Cidade de Minas, um decréscimo cultural entre nós, manifestado na ausência de profissionais da arquitetura e de outras artes, dando lugar à atividade de simples copistas e imitadores. Não se criava, não se fazia, portanto, arquitetura. ‘A arquitetura surge com a cultura e desaparece quando a cultura deixa de existir’. ‘A arquitetura é a arte e a técnica de conceber, projetar e erigir edifícios e cidades com utilidade e beleza’ e não a tarefa de imitar simplesmente o que foi feito por outrem.”¹

Foi em torno do arquiteto Luiz Signorelli que se agruparam engenheiros, artistas, advogados, médicos, com o objetivo de se criar uma escola de arquitetura. Seus fundadores foram: Luiz Signorelli (arquiteto formado pela ENBA em 1925); Martim Francisco Ribeiro de Andrada; Leon F. Clerot; Aníbal de Matos (artista, escritor, historiador da arte, estudou no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro e na ENBA); Alberto Pires Amarante; Laborne Tavares; João Kubitschek; Benedicto Quintino dos Santos; Paulo Kruger Mourão; Dario Renault; Saul Macedo e Simão Woodes Lacerda.

“Tiveram os fundadores da instituição a preocupação constante de formar arquitetos com uma cultura técnica, científica e artística ampla e arejada. Desde o início, adotou-se a organização didática da secção de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes, como cumpria, para o seu reconhecimento pelo Govêrno da União, procurando-se, entretanto, estabelecer, na nova Escola, uma atmosfera em que tôdas as correntes da arquitetura, tradicionalistas ou modernas tivessem livre curso e franco estímulo.”²(FIGUEIREDO, 1946)

O curso de Arquitetura de Belo Horizonte iniciou suas atividades justamente no momento em que Lúcio Costa, apoiado pelo Ministro da Educação do governo provisório Francisco Campos, reformulava o ensino da ENBA. O interessante é que, no excelente texto de 1946, sobre a criação da EABH, João Kubitschek de FIGUEIREDO (1946), um dos fundadores e organizadores da nova escola, cita o que escreveu Francisco Campos sobre a Arquitetura:

“Pode-se afirmar talvez, sem exagero, que a palavra arquitetura, não tinha no Brasil, até pouco tempo, significação prática. Raros eram, entre nós, os arquitetos e, desses mesmos, a utilidade não se fazia socialmente sentir. Entretanto, no passado como no presente, em todos os países, a sua importância foi sempre capital, representando cada arquitetura a síntese de uma civilização, a soma das qualidades e defeitos de cada povo em cada época.”

Com um currículo distribuído em seis (6) anos, como a própria Escola Nacional de Belas-Artes (Rio), a EABH - Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, foi a primeira a se organizar no Brasil desvinculada das Politécnicas, escolas de engenharia; bem como independente dos Cursos de Belas Artes, pintura e escultura. Os cursos de arquitetura, no Brasil, desmembram-se das Politécnicas e Belas Artes, somente no final dos anos 40. A data da criação da EABH é um engano que aparece em alguns trabalhos dos historiadores, FICHER (1993), coloca o ano de 1944, ou seja, mais de uma década depois. Mas dezembro de 1944 é a data de reconhecimento da Escola pelo Governo Federal. BRUAND (1981), também comete um equívoco, “*O primeiro projeto de criação de uma Faculdade de Arquitetura é de 1936, (...)*”³.

Na EABH, as diversas disciplinas foram distribuídas entre os fundadores da escola, segundo sua formação: aos **engenheiros**, as cadeiras de Matemática, Física, Resistência dos Materiais, Estabilidade das Construções, Estruturas em Madeira, Ferro e Concreto Armado, Urbanismo e Prática Profissional; aos **arquitetos**, as de Perspectiva, Teoria e Filosofia da Arquitetura, Pequenas e Grandes Composições Arquitetônicas, Arquitetura Analítica e Arte Decorativa; aos **artistas** as de Desenho e Modelagem; aos **advogados** as de Legislação e Economia Política e História da Arte; a um médico, a de Higiene das Habitações e Saneamento das Cidades.

“Sentíamos a necessidade de formar elementos dotados de qualidades indispensáveis ao verdadeiro arquiteto, que deve ser, ao mesmo tempo, um homem da ciência, quando lança mão de seus conhecimentos de física aplicada e de higiene; sociólogo e historiador, quando

examina as necessidades das populações e se utiliza do vasto patrimônio da arquitetura passada; economista e artista, afinal, quando procura soluções para o angustiante problema do proletariado e estuda as condições locais para os partidos de que resultem o conveniente, o confortável e o belo.”⁴

O currículo para a então Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, ficou assim definido:

1º ANO : Matemática Superior; Geometria Descritiva; Materiais de Construção - Terrenos e Fundações; Arquitetura Analítica (1ª parte); Desenho (1ª parte); Modelagem (1ª parte);

2º ANO: Resistência dos Materiais - Grafostática; Perspectiva - Sombras - Estereotomia; Elementos de Construção - Noções de Topografia; Arquitetura Analítica (2ª parte); Desenho (2ª parte); Modelagem (2ª parte);

3º ANO : Estabilidade das Construções; História da Arte (1ª parte); Estruturas em Madeira e Ferro; Arte Decorativa (1ª parte); Pequenas Composições de Arquitetura;

4º ANO : Teoria e Filosofia da Arquitetura (1ª parte); História da Arte (2ª parte); Estrutura em Concreto Armado; Arte Decorativa (2ª parte); Composições de Arquitetura;

5º ANO: Teoria e Filosofia da Arquitetura (2ª parte); Física Aplicada; Higiene das Habitações - Saneamento das Cidades; Grandes Composições de Arquitetura (1ª parte);

6º ANO: Legislação - Noções de Economia Política; Prática Profissional e Organização do Trabalho; Urbanismo e Arquitetura Paisagista; Grandes Composições de Arquitetura (Grau máximo).

Algumas disciplinas, somente as voltadas para a área de Tecnologia – Materiais de Construção e Sistemas Construtivos, são mencionadas no currículo com uma relação direta com as da Escola Nacional de Belas Artes, são elas : - Resistência dos Materiais, precedida de noções de Mecânica e Grafostática (*1ª parte da Cadeira IV da ENBA*); - Estabilidade das Construções (*2ª parte da Cadeira IV da ENBA*); - Estruturas em Madeira e Ferro (*1ª parte da Cadeira VII da ENBA*); e - Estruturas em Concreto Armado (*2ª parte da Cadeira VII da ENBA*).

As cadeiras de Composição de Arquitetura começaram a ser ministradas a partir do terceiro ano. Apesar da produção arquitetônica dos professores arquitetos não responderem ainda a uma arquitetura de vanguarda, os alunos não tiveram a obrigatoriedade de projetar utilizando cópias. Havia uma liberdade no desenvolvimento dos projetos, “*Nós jovens ficamos empolgados com Le Corbusier, e com outros arquitetos europeus, e os professores de projeto davam um tema e nós fazíamos modernista, eles ficavam com medo de discutir, porque eles não entendiam patavina*” .⁵ Assim, percebe-se que uma liberdade de criação pairava pelos ares da EABH.

“A escolha dos temas e dados para exercícios escolares far-se-à livremente, entretanto, os problemas de aplicação deverão apresentar resultados aceitáveis na prática, atribuindo-se máxima importância à discussão das soluções, que deverão ser interpretadas e confrontadas, justificando-se ao mesmo tempo as preferências”.⁶

No decorrer do curso, os alunos tiveram contato com os princípios de Le Corbusier, conforme HARDY observa :

“(…) nós sofremos muito a influência dos arquitetos, principalmente europeus, e lógico nós tínhamos estudado o Art Nouveau, mas abandonamos o Art Nouveau justamente por causa dos slogans, principalmente por causa do Le Corbusier ‘a casa é uma máquina de morar’, nós estávamos querendo fazer eram máquinas”.

O corpo docente da EABH era composto por profissionais da cidade e professores de outros cursos superiores. O quadro de professores era assim distribuído⁷ : **Prof. João Kubitschek de Figueiredo** - engenheiro, foi diretor da Escola em duas gestões, de Agosto de 1937 a Agosto de 1938 e de agosto de 1943 a agosto de 1946- lecionava Geometria Descritiva./ **Prof. Martim Francisco Ribeiro de Andrada** - engenheiro - era professor da cadeira de Materiais de Construção / **Prof. João Boltshauser**, mineiro, desenhista, filósofo, professor e teatrólogo. Autor de projeto de casa para operário, em 1927. Possui diversos trabalhos publicados pela EA/UFMG - prof. da cadeira de Arquitetura Analítica, em que analisa as formas arquitetônicas e sua evolução, depois foi professor das disciplinas de História da Arquitetura e Evolução Urbana no curso de Urbanismo. / **Prof. Luiz Porto Maia** - professor de Matemática Superior / **Prof. Aníbal Pinto de Matos**, pintor, desenhista, escritor, jornalista, historiador de arte, paleontólogo. Estudou no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, depois na Escola Nacional de Belas Artes, em 1917- lecionava Desenho / **Prof. Saul Macedo e Prof. Laborne Tavares** - ambos engenheiros, eram professores das disciplinas Resistência dos Materiais, Grafostática e Estabilidade das Construções. / **Prof. Otávio Goulart Pena** - engenheiro civil, formou pela Escola Livre de Engenharia de Belo Horizonte, em 1922 - foi professor de Perspectiva e sombras e Estereotomia dos materiais. / **Prof. Rafaelo Berti** - arquiteto e pintor, italiano. Diplomou-se em arquitetura pela Real Academia de Belas-Artes de Carrara, Itália em 1921. Mudou para o Rio de Janeiro em 1922, trabalhou no Escritório Técnico de Heitor de Melo, com os arquitetos Arquimedes Memória e Francisque Cuchet. Em 1930, transfere-se para Belo Horizonte. Realiza diversos projetos na capital mineira. Como imigrante italiano não naturalizado, não pode assinar seus projetos no período de 1930 a 1938, os quais foram assinados pelo amigo e sócio Luiz

Signorelli.- Foi professor das cadeiras de Composições Decorativas e Arquitetura Paisagística. / **Prof. Manoel Marques Fonseca** - engenheiro - lecionou a disciplina de Física Aplicada. / **Prof. Paulo de Andrade** - catedrático de Higiene das Habitações e Saneamento das Cidades. / **Prof. Luiz Signorelli** mineiro, arquiteto e pintor. Formou-se pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1925, participou do Salão Nacional de Belas Artes em 1923 e 1926. Foi fundador e organizador e primeiro diretor da EABH. Em 1928, fixa residência em BH e atua em inúmeros projetos na capital e no estado - foi professor de Grandes Composições de Arquitetura./ **Prof. Benedito Quintino dos Santos** - professor de Prática Profissional e Organização do Trabalho. / **Prof. João Gusman Júnior** - lecionou Urbanismo e Arquitetura Paisagística, em 1946. / **Prof. Lincoln Campos Continentino** - engenheiro sanitário, foi o responsável pela cátedra de Urbanismo. / **Prof. Bruno Graflinger** - um dos arquitetos do Departamento de Arquitetura do Estado, não foi encontrado nenhum dado a respeito de sua formação/ **Prof. Angelo Murgel** - arquiteto, não foi possível a confirmação de sua atuação como professor, em função de informações contraditórias.

Sobre os dois professores arquitetos da disciplina de Composições de Arquitetura, VASCONCELOS (1962) escreve:

“... Signorelli, exímio aquarelista, diplomado pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, de onde trouxe o colonial, que difundiu em inúmeras obras públicas por todo o Estado, e seu companheiro de escritório, Rafaelo Berti diplomado na Itália, sob a influência do ‘Modernismo’ então lá vigorante, informado pelas teorias de Marinetti, mas sujeito ainda, em parte, ao ‘art-nouveau’ manifestado nas decorações florais estilizadas geometricamente e, em parte, ao fundo classicista italiano, caracterizado pelo amor à simetria, ao monumental e à escultura. São os dois primeiros arquitetos de categoria que trabalharam em Belo Horizonte. Foram eles que começaram a criar ‘escola’ na nova capital, dignificando a profissão e formando uma série de desenhistas de arquitetura já não mais apenas fachadistas.”⁸

Belo Horizonte passava pelo mesmo processo de indefinição da estruturação de um novo caminho para a arquitetura. Havia um descontentamento com a continuidade da arquitetura neoclássica deixada pela Comissão Construtora e implantada até aqueles dias. Essa procura e incerteza estavam presentes também nos caminhos dos arquitetos que ali foram na década de 20; a mesma dúvida sobre qual seria a arquitetura verdadeiramente brasileira, como aconteceu na Semana de 22. É bom lembrar que, naquele momento, havia indícios de que a expressão arquitetural seria o neocolonial. Para os arquitetos Signorelli e Berti, inseridos no espírito da época, essa arquitetura nova estava vislumbrada no Art Decô. Basicamente a esses dois arquitetos

foram relacionadas as obras edificadas em Belo Horizonte e denominadas de “estilo cubista” ou “pó de pedra”, que é o nome dado à argamassa de cimento com lâminas de mica.

Traçando um paralelo entre as modificações ocorridas na ENBA e estruturação do curso da EABH, podemos avaliar alguns pontos. O momento de implantação da EABH coincide justamente com o período em que Lúcio Costa passava pela Direção da ENBA.

Enquanto a ENBA possuía professores de projeto que já faziam uma arquitetura considerada de vanguarda, “Moderna”, na EABH, os professores de projeto conheciam essa nova arquitetura, e até podiam nela acreditar, mas, nos seus escritórios, ela não estava presente, traduzindo um momento de dúvidas que existia até em Lúcio Costa pouco antes de assumir a Direção da Escola.

A reforma da ENBA visou montar um ensino técnico - científico; a Escola de BH teve também essa preocupação com a técnica nova, percebida pela ênfase nas ciências exatas no currículo. Na ENBA, continuaram estudando os clássicos como orientação crítica e não para aplicação direta. Hardy, ex - aluno da EABH, cita Vignola pelo sentido de proporção e educação do olhar.

Além da inovação de ser o primeiro curso criado desvinculado da Politécnica e Belas Artes, o curso da EABH apresenta, ainda, um enfoque inovador com relação à inclusão da disciplina de Urbanismo em seu currículo. Localizada no 6º ano do curso, enfoca o estudo dos espaços livres, tráfego, zoneamento, cidades jardins, organização administrativa e legislação.

Dentre os estudantes da primeira turma da EABH estão: João Jorge Coury, Luiz Pinto Coelho, Virgílio de Castro, Shakespeare Gomes, Francisco Salomé de Oliveira, Raphael Hardy Filho, Edmundo Bezerril Fontenelle, Nicola Santolia, Vicente Buffalo, Euclides Lisboa e Celso Werneck de Carvalho. De uma geração posterior, encontramos Sylvio de Vasconcelos e Eduardo Mendes Guimarães. Arquitetos que abraçaram a causa da arquitetura moderna e muitos encontraram uma projeção profissional, Hardy, Shakespeare, Virgilio de Castro, mais tarde foram professores na Escola.

A formação dos arquitetos, além da escola, passava também pelo conhecimento das vanguardas difundidas pelas revistas especializadas em arquitetura.

O Diretório Acadêmico da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte foi criado em novembro de 1933¹⁰, com atuação efetiva dentro da escola. Publica, em 1935, um “Mensário oficial dos alunos da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte” intitulado “**Arquitetura**” com subtítulo “Engenharia, Decoração, Urbanismo”. A Direção da revista ficou a cargo do estudante Shakespeare Gomes, a redação com João Jorge Coury e a secretaria com Francisco Salomé, todos alunos da primeira turma da escola de B.H. Essa revista foi editada nas Oficinas da Imprensa Oficial.

De acordo com a direção, “Esta revista surge, para focalizar sob os mais variados aspectos o problema da arquitetura no Brasil seguindo outras modalidades que lhe estão ligadas intimamente, como o urbanismo, decoração etc. e também tornar conhecida a missão social do arquiteto, interpretar e defender com entusiasmo os interesses morais e materiais da profissão, criar em suma um ambiente favorável às manifestações de arte em geral”.

Na leitura do programa publicado no primeiro número, não transparece o interesse da revista em direcionar o pensamento, ou criar um grupo de vanguarda, o que se pretende é publicar artigos que possam ir de encontro com idéias existentes “...uma vez que teremos de lutar com fatores de ordem cultural e econômica.”¹¹

Analisando os três números, podemos perceber que os artigos se fecham em três categorias: Projetos de professores e alunos, Textos Técnicos e Textos relacionados ao Urbanismo.

No primeiro número da revista, dois textos: “**A função Social do Arquiteto**” e “**Arquitetura Clássica ou Funcional?**”, são mais polêmicos. No primeiro, o engenheiro-arquiteto Aurélio Baptista Lopes transmite aos jovens o valor da arquitetura “(...) o exato julgamento no futuro da atual civilização depende da cultura e da sensibilidade do Arquiteto, porque nas suas obras ele sintetizará as tendências intelectuais e as conquistas materiais da atualidade”. Critica os executores da arquitetura, que a mutilam, e o ecletismo ainda reinante em nossas cidades, “inexpressivo e desconcertante”. Defende que a Arquitetura “(...) pela simplicidade, modéstia e justa adaptação ao ambiente, mostre o grau de civilização que já atingimos”. No segundo texto, Paulo Costa, engenheiro civil, comenta a polêmica que ainda existe com relação ao tema “Clássico ou Funcional?”. Faz a defesa da teoria “A forma segue a Função”, (...) a forma vem a seu tempo, sem nenhuma preocupação (...), aponta para a importância da ligação do edifício ao solo e ao ambiente; pensa na globalização dos costumes e do ambiente, bem antes da massificação da televisão, “(...) o cinema permite o conhecimento visual, o rádio transmite o pensamento. O nível médio de conforto sobe, e a vida tende a ser vivida do mesmo modo em toda parte”. Cita a tendência de uniformidade dos materiais, questiona o concreto como material universal, pois então a arquitetura também o seria, ou seja, configurar-se-ia o “Estilo Internacional”.

Com relação aos projetos publicados, dos professores arquitetos, cabe ressaltar os dois projetos de Bruno Graflinger: - Projeto do Pavilhão Central do Instituto Ezequiel Dias e o projeto de uma futurista “Arquitetura Industrial”¹², que é, segundo Sant’Elia, a arquitetura do cálculo, da audácia temerária, da experiência científica e técnica, em que o arquiteto não é o homem da catedral, do palácio, mas do grande albergue, da estação ferroviária e, no caso, da indústria.

Projetos de outros professores como, Raphaelo Berti e Luis Signorelli, podem também ser vistos nas revistas: Casa d’Italia em Belo Horizonte, Residências Dr. Foltran, Antônio Mello, Dr.

Catão Gomes, e o Palácio da Municipalidade, todos em Belo Horizonte; somente este último vem acompanhado de um memorial explicativo do projeto, no qual o autor dignifica a grandiosidade e monumentalidade da obra.

Retirados da revista “A Casa”, uma publicação carioca dessa década de 30, reproduziram dois projetos do arquiteto J. Cordeiro de Azeredo, ambos residenciais: tipo de residência para terreno de pequenas dimensões e tipo de residência econômica. A revista “A Casa”, do Rio de Janeiro, era um dos periódicos que circulavam entre os alunos da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, segundo depoimento do arquiteto Raphael Hardy Filho.

Dentre os projetos encontramos também: - “A architectura no estrangeiro”, em que é apresentado um dos projetos do concurso para Casa Littoria na Itália pelo grupo universitário fascista de Roma.¹³ O texto, que acompanha a foto da maquete, mostra algumas observações interessantes, provavelmente feitas pela redação da revista, “Esse concurso forneceu, pela qualidade e número de concorrentes, a possibilidade de calcular-se a que grau de desenvolvimento chegou a architectura italiana, pelos estudos e tentativas que caracterizaram suas obras e produções nestes últimos tempos.”¹⁴ Pelo texto, fica claro também, que a redação se coloca num período de polêmicas e indagações com relação à arquitetura moderna: “É justo, porém, perguntar-se: Estamos ainda no período de preparações e polêmicas? Podemos afirmar que, na Itália, a architectura superou o período heróico das polêmicas e já alcançou a phase realizadora da maturidade. As diversas theorias - funcionalismo, constructivismo, racionalismo, esthetismo - foram superadas.”¹⁵ Concluem que esse projeto, como processo lógico da criação arquitetônica, é a síntese do processo técnico - científico em harmonia com o novo clima social.

Podemos observar que, se dentre os projetos publicados pela revista “Arquitetura”, do D.A - Escola de Belo Horizonte, encontram-se projetos de vanguardas como a “Casa Littoria”, também fazem parte de seu repertório projetos Neocoloniais, tais como: Residência Dr. Octacillo Negrão de Lima. A convivência dessas tendências, revela-nos esse período de transição da arquitetura e o ambiente cultural de debate do contexto arquitetônico.

Vários textos, com o tema Urbanismo são apresentados nos três números da revista, versando sempre sobre a necessidade de se criarem regulamentações das construções nas cidades do interior, bem como conscientizar as administrações municipais da importância dos planos urbanísticos para todas as cidades. Apontam como problemas: a manutenção de um traçado em desacordo com a topografia local, e a não existência de áreas de recreação e parques com escolas ligadas a esse sistema. Defendem um Plano de Urbanismo como um conjunto racional de um zoneamento setorial, grandes artérias para tráfego intenso, deixando as ruas residenciais com menor largura. Estes artigos coincidem com a criação de uma comissão oficial da cidade, para estudar um plano racional de expansão para Belo Horizonte. Dentre os componentes dessa comissão estavam Luiz Signorelli e Lincoln Continentino.

A revista “Arquitetura” teve os mesmos parâmetros da “Revista Polytechnica”, uma publicação do órgão do Grêmio Poytechnico de São Paulo, que é contemporânea à primeira. Em ambas, houve uma característica de transição, típica do período, quando publicaram projetos acadêmicos juntamente com vanguardas, como é o caso dos trabalhos de Rino Levi apresentados na “Revista Polytechnica”. Tinham o interesse em mostrar trabalhos de alunos da referida escola, assim como diversos textos técnicos.

Em 1936, juntamente com um grupo de artistas plásticos, os estudantes da Escola de Arquitetura - EABH, participaram da “**Exposição Bar Brasil**”, em Belo Horizonte, também denominada “**Semana de Arte Moderna Mineira**”.

Em 1931 ocorreu o “Salão de Belas - Artes no Rio de Janeiro, uma exposição que segundo VIEIRA (1984), “mais do que um evento artístico de destaque, assumiu um significado político cultural revelador da arte moderna em nível nacional”.. e como nota SANTOS (1966), “fora da escola, a reforma do Salão de Belas-Artes de 1931, na opinião do Dr. Rodrigo Melo Franco, teve importância e repercussão maiores do que a Semana de Arte de 1922 e foi ponto de partida para integração da Pintura no Movimento Moderno.” O Salão de 31 apresentou obras díspares, salas acadêmicas e salas modernas. Houve uma grande incidência de projetos com fins sociais, Afonso Reidy e Gerson Pinheiro apresentaram projetos para um “Albergue Noturno” e o “Orfanato da Primeira Cruzada”. Warchavchik, único arquiteto com obras construídas, mostrou fotos de suas casas, e Flávio de Carvalho estava presente com o Farol de Colombo.

Em setembro de 1936, duas mostras aconteceram concomitantemente em Belo Horizonte. O XII Salão Mineiro, que era a exposição oficial dos acadêmicos, teve como organizador Aníbal de Matos, no Theatro Municipal, e o Salão Bar Brasil, onde os jovens expunham a modernidade, e de onde foi grande o número de pessoas que saíram entusiasmadas. Essas duas exposições foram também denominadas em um artigo de “exposição sem bebidas e exposição com bebidas”.

Os artistas participaram com pinturas, desenhos e caricaturas. Dentre outros, Jeanne Milde, artista plástica belga, apresentou várias esculturas. Milde veio para Minas em 1929 como integrante da “Missão Pedagógica Européia”, organizada com o objetivo de promover a reforma do ensino no Estado; já havia participado, em 1931, do Salão de Lúcio Costa, no Rio de Janeiro.

Participaram na seção de arquitetura jovens estudantes da EABH : João Jorge Coury com o projeto “Edifício para escola de música e dança populares”; Hermínio Gauzzi com “A casa do jornaleiro”; Virgílio de Castro com “Restaurante popular”; Salomé com “Templo”; Hardy Filho, que apresentou “Dispensário - Creche”; Remo de Paoli que mostrou um projeto de “Abrigo de bondes para a praça da Lagoinha”; Shakespeare Gomes expondo dois projetos “Piscina” e “Vila operária”; e Nicola Santolia um “Albergue noturno”. Como no Salão de 31, houve uma grande presença de projetos com temas sociais.

Estes projetos, infelizmente não foram localizados, o que impediu uma melhor análise da proposta arquitetônica dos jovens estudantes, mas parcialmente podemos identificá-los através de uma foto da exposição, onde aparecem em segundo plano, atrás dos participantes.

Segundo o julgamento da imprensa local (VIEIRA - 1986), “os trabalhos de vanguarda apresentados no Bar Brasil naquela mostra foram os de Fernando Pierucetti (...)”. Em seus trabalhos, aparece a dramaticidade social da revolução urbana. Érico de Paula e Salomé apresentaram -“(...)um projeto, no qual mostrava um traço novo - a inclusão de rampas, nos modernos edifícios - em substituição às antigas escadas.”

Pelos registros da imprensa local, encontramos as notas: “(.)uma referência especial merecem também os trabalhos de architectura. Aquele ‘templo para todos os cultos’, de Salomé, inspiraria só ele um tomo de extravagante philosophia. Valem enfim, todos elles, pelo seu esplendido sentido social.” Estado de Minas.“(...) dois ou três esboços architectonicos de Salomé, Coury e Virgílio de Castro. Alunos da Escola de Arquitetura.” “A exposição será uma brilhante mostra de arte mineira actual, onde aparecerão desde os mais velhos e celebrados pintores, até os desenhistas modernos, de lápis inquieto e idéias revolucionárias.”

O texto apresentado no catálogo da exposição, por David Jardim Jr., preso dois anos depois na onda repressiva do Estado Novo, reflete o caráter político da exposição:

“(...) Mas, consciente ou inconscientemente, nenhum artista desprezará esse meio formidável de propagar idéias. (...) A Arte Moderna só será, pois, concebível com a condição de ser revolucionária. Revolucionária não no sentido de afetar a técnica, mas no sentido de abrir novos horizontes para os homens. Aliás, para ser revolucionária há de ser realista. Não, copiando servilmente a vida, mas se inspirando na vida; sendo humana. Refletindo a vida com sinceridade a arte será forçosamente revolucionária. Haverá maior libelo contra o statu - quo que a Arte que pinta, sem apriorismo nem insinuações, as misérias e contradições de uma sociedade?”

A Exposição de Arte Moderna de 1936 (Salão Bar Brasil) foi considerada um dos marcos históricos de importância na evolução da arte mineira, na transição do acadêmico para o moderno. Diferentemente da Exposição de 31, o Salão Bar Brasil não estava vinculado à instituição ou a um evento oficial, era na realidade uma mostra paralela ao salão Oficial, e é tida mesmo como uma mostra que queria transgredir o academicismo vigente no salão oficial.

Pelo levantamento e defesa da professora Ivone Luzia Vieira, o Salão Bar Brasil foi importante para a arte moderna em Minas, desmistificando que a modernidade nas artes em Minas só havia chegado em 44 com Guignard. Qual terá sido a importância para a arquitetura esta exposição não oficial, em um bar no subsolo do Cine Brasil? Terá sido somente uma festa para jovens afoitos? Acredito não ser essa a intenção, mas a dificuldade em conseguir esses projetos, não me permite concluir.

A arquitetura de Belo Horizonte, está presente nesse momento histórico de maior importância na evolução da arte mineira, na passagem do academicismo para o moderno, antes da Pampulha de Niemeyer.

A análise da construção do pensamento Arquitetônico Moderno em Belo Horizonte na década de 30 passa então, pela avaliação da implantação de uma Escola autônoma de arquitetura em 1931, pela proposta de divulgação de idéias e ideais, como a missão social do arquiteto e a defesa da arquitetura através da publicação da revista e pelo caráter político e revolucionário da participação dos estudantes no “Salão Bar Brasil” ou “Semana de Arte Moderna Mineira”.

Bibliografia

- ARGAN, Giulio Carlo. (1992) - *"Arte Moderna"*. São Paulo, Companhia das Letras.
- BRUAND, Yves. (1981) - *"Arquitetura Contemporânea no Brasil"*. S P, Ed. Perspectiva.
- CASTRO, Maria Ceres Pimenta S. (1995) - *"Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte : 1895 - 1954. Coleção Joaquim Nabuco Linhares"*. Belo Horizonte, Ed. UFMG.
- CENTRO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE ARQUITETURA, *"Lúcio Costa : Sobre Arquitetura"*. Porto Alegre, 1962.
- COSTA, Lúcio. (1995) - *"Lúcio Costa : Registro de uma vivência"*. S. P., Empr. das Artes.
- DAHER, Luiz Carlos (1982)- *"Flávio de Carvalho - Arquitetura e Expressionismo"*. Projeto Editores.
- DIAS, Fernando Correia (1984). - *"Líricos & Profetas. Tema de Vida Intelectual"*. Brasília, Thesaurus Ed., 209 p.
- "Dicionário biográfico de construtores e artistas de Belo Horizonte: 1894/1940"*. (1997) - Belo Horizonte : IEPHA/ MG.
- "Escola de Arquitetura: 1930-1970"* - (1970) - Belo Horizonte, Serviço Gráfico da Escola de Arquitetura UFMG.
- FICHER, Sylvia (1993) - *"O peso de uma herança"*, in A U, nº48, p.63, jun/jul.
- FIGUEIREDO, João Kubitschek de (1946)- *"A Escola de Arquitetura e sua história"*, In: *Arquitetura*, Belo Horizonte, ano 1, nº1 - set/out. pág. 20.
- LEMONS, Celina Borges. (1988). *"Determinações do espaço urbano : a evolução econômica, urbanística e simbólica do centro de Belo Horizonte."* B H, Dissertação (Mestrado) - Fafich, UFMG.
- MACHADO, Reinaldo Guedes. (1985) - *"Da arquitetura eclética às experiências modernistas"* In Projeto 81, São Paulo.
- MAGALHÃES, Beatriz de A. / ANDRADE, Rodrigo F. (1989) - *"Belo Horizonte : um espaço para a República"*. UFMG.
- MELLO, Susy de, (1979). *"Arquitetura Moderna em Minas Gerais"*. In: II SEMINÁRIO SOBRE A CULTURA MINEIRA (PERÍODO CONTEMPORÂNEO), *Anais*, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1980, p.39 - 55.
- PONTUAL, Roberto, (1979). *"Artes Plásticas em Minas Gerais (Período Contemporâneo) - A Alma e o ânimo de Minas"*. In: II SEMINÁRIO SOBRE A CULTURA MINEIRA (PERÍODO CONTEMPORÂNEO), *Anais*, BH, Imprensa Oficial, 1980, p.109 - 121.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti - (1997) - *"Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão"* , Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, p.288.
- SANTOS, Paulo (1966) - *"A reforma da escola de Belas Artes e do Salão"* in Depoimento de uma geração, ABEA/FVA/Pini.
- SEBASTIÃO, Walter, (1997). *"Os outros bichos de Mangabeira"*. In Estado de Minas, Belo Horizonte, 22 maio, Espetáculo, p.1.
- SOUZA, Abelardo de. (1978) - *"Arquitetura no Brasil : Depoimentos"*. São Paulo, Diadorim Editora / Editora da Universidade de São Paulo.
- SOUZA, Renato César José de. (1995) - *"Sylvio de Vasconcelos"*. in AP número 1, AP Cultural/DPI, Belo Horizonte, pág. 115.
- TEODORO, Marco Otávio.(1981)- *"Escola de Arquitetura: Mãe de 50 anos, pouco leite e traseiro grande"*. in Pampulha nº 4 , jan/fev, ano III, Rona Editora, Belo Horizonte.
- VASCONCELOS, Sylvio de. (1962) - *"Noções sobre Arquitetura"*. Belo Horizonte, Ed. Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais.

- VIEIRA, Lucia Gouvêa. (1984) - "*Salão de 1931 : marco da revelação da arte moderna em nível nacional*". Rio de Janeiro, FUNARTE / Instituto Nacional de Artes Plásticas.
- VIEIRA, Ivone Luzia. (1986) - "*O modernismo em Minas : O Salão de 1936*". Belo Horizonte, catálogo da exposição, Museu de Arte de Belo Horizonte.
- WERNECK, Humberto. (1992) - "*O desatino da rapaziada : jornalistas e escritores em Minas Gerais*", São Paulo, Companhia das Letras.
-

Currículo

Patricia Pimenta Azevedo Ribeiro

Arquiteta, mestre em arquitetura na área de Tecnologia do Ambiente Construído – EESC-USP, e docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Uberlândia - MG.

Endereço

Rua Souza Costa 75 apt. 103, Bairro Maracanã, Uberlândia, MG - Cep 38 400-232.

Fone: (34) 236 2916

Fax: (34) 219 5363

e- mail: pparibeiro@ufu.br

Notas

- ¹ Figueiredo, João Kubitschek de .- A Escola de Arquitetura e sua história, in *Arquitetura*, Belo Horizonte, ano 1, nº1 - set/out 1946. pág. 20.
- ² opus cit.
- ³ Bruand, Yves (1981) - *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, São Paulo, Editora Perspectiva, p.23.
- ⁴ Figueiredo, João Kubitschek de .- A Escola de Arquitetura e sua história, In *Arquitetura*, Belo Horizonte, ano 1, nº1 - set/out 1946. pág. 20.
- ⁵ Raphael Hardy Filho, arquiteto, aluno da primeira turma da EABH, em entrevista - 09/ 04 /96.
- ⁶ Regimento Interno da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte.
- ⁷ Para compor este quadro, foi feito um cruzamento de informações obtidas na revista "Arquitetura" de 1935, na publicação "1930-1970-Escola de Arquitetura UFMG" e, no texto de João Kubitschek de Figueiredo.
- ⁸ Vasconcelos, Sylvio. - "Noções sobre arquitetura", Belo Horizonte, Editora da Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais, 1962, pág. 29/30.
- ⁹ Regimento Interno da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte

- ¹⁰ A criação do DA - Escola de Arquitetura teve a primeira chapa, eleita na data de sua fundação, composta por: Presidente: Shakespeare Gomes; Vice-presidente: Virgílio de Castro; 1º Secretário: João Jorge Coury; 2º Secretário: Fildo Scarpelli; Tesoureiro: Juscelino Ribeiro; Bibliotecário: Raphael Hardy Filho.
- ¹¹ “Nosso Programa”- in Arquitetura nº1, maio 1935, pág. 4
- ¹² Arquitetura industrial - fantasia de Bruno Graflinger, In Arquitetura, nº 1, pág. 32.
- ¹³ Grupo Universitário Fascista de Roma- A Arquitetura no estrangeiro, In Arquitetura nº 2, junho 1935, pág. 18
- ¹⁴ texto sem autoria, In Arquitetura nº 2, junho 1935, pág. 18
- ¹⁵ opus cit.